

Auto/co/conformação de professoras gestoras: documentação narrativa de experiências pedagógicas

Self/co/conformation of teacher managers: narrative documentation of pedagogical experiences

Leandro Gileno Militão Nascimento¹

 0000-0003-1820-2148

Jane Adriana Pacheco Vasconcelos Rios²

 0000 0003 1827 3966

RESUMO: Este artigo apresenta narrativas de experiências pedagógicas de professoras gestoras construídas na relação com a diversidade que atravessa o cotidiano escolar. Elas foram provocadas através da auto/co/conformação entre pares, tendo a Documentação Narrativa de Experiências Pedagógica-DNEP (Suárez, 2007, 2022) como dispositivo de pesquisa-ação-formação. A pesquisa foi desenvolvida na Rede Municipal de Ensino de Salvador-BA na Gerência Regional de Educação do Cabula. As professoras gestoras tornam público o que fazem na escola, apresentaram experiências pedagógicas em contexto de diversidade, documentando narrativamente saberes pedagógicos que as mobilizam para garantir que a política das diferenças na escola possa ser discutida, trabalhada e questionada. Em particular, neste texto, nos concentramos no processo de auto/co/conformação que a DNEP promoveu nos movimentos de narrar, comentar e reescrever experiências pedagógicas entre pares, respeitando princípios epistemo-político da formação em rede, como: horizontalidade, alteridade, autoria e inclusão, que valorizam as professoras gestoras como autoras na sua escrita, na produção de conhecimento e, sobretudo, nos aspectos da sua vida/profissão.

PALAVRAS-CHAVE: *Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas; Auto/co/conformação; professoras gestoras; Educação Básica; Diversidade.*

ABSTRACT: This article presents narratives of pedagogical experiences of teacher managers built in the relationship with the diversity that permeates daily school life. They were provoked through self/co/conformation between peers, using the Narrative Documentation of Pedagogical Experiences - DNEP (Suárez, 2007, 2022) as a research-action-training device. The research was developed in the Salvador-BA Municipal Education Network in the Cabula Regional Education Management. The managing teachers make public what they do at school, presenting pedagogical experiences in a context of diversity, narratively documenting

¹ Doutor em Educação e Contemporaneidade, coordenador pedagógico da Rede Municipal de Salvador-BA. Membro do grupo de pesquisa Docência, Narrativa e Diversidade da Educação Básica - DIVERSO. E-mail leognascimento@gmail.com.

² Pós-doutora, professora da Universidade do Estado da Bahia. Coordenadora do grupo de pesquisa Docência, Narrativa e Diversidade da Educação Básica- DIVERSO. Email jrios@uneb.br.

pedagogical knowledge that mobilizes them to ensure that the politics of differences at school can be discussed, worked on and questioned. In particular, in this text, we focus on the process of self/co/conformation that DNEP promoted in the movements of narrating, commenting and rewriting pedagogical experiences among peers, respecting political epistemological principles of network training, such as: horizontality, otherness, authorship and inclusion that value managing teachers as authors in their writing, in the production of knowledge and, above all, in aspects of their life/profession.

KEYWORDS: Narrative Documentation of Pedagogical Experiences: Self/co/conformation; managing teachers; Basic Education; Diversity

Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar e tematizar experiências pedagógicas de professoras gestoras construídas, narrativamente, na relação com a diversidade que atravessa o cotidiano escolar. Trata-se de uma *pesquisaformação*³ que consiste em narrar experiências pedagógicas que nos moveram ao longo do percurso da investigação educativa. Escolhemos realizar uma *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica por compreendermos que é uma maneira de entender a experiência, e “traz como perspectiva a formação humana e docente em suas múltiplas dimensões políticas, epistemológicas e existenciais, tomando o entrelaçamento entre memórias e narrativas como um caminho instituinte” (Bragança; Perez, 2016, n.p).

A *pesquisaformação* foi construída a partir do dispositivo epistemológico-político-metodológico da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas (Suárez, 2007) por dialogar com saberes e experiências pedagógicas das professoras gestoras que foram produzidas a partir de seus protagonismos nas escolas. A Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas (Suárez, 2007) é fundamentada em princípios teóricos e metodológicos da pesquisa qualitativa, interpretativa, narrativa e colaborativa. Nessa dinâmica, as professoras gestoras narraram, documentaram suas experiências e passaram a ser pesquisadoras de suas próprias experiências. A proposta foi apresentar experiências pedagógicas, buscando na memória lembranças, aprendizagens para documentar narrativamente ações, que ficam muitas vezes invisibilizadas na própria escola, revelam *acontecimentos e saberes pedagógicos* na gestão escolar e seus atravessamentos com a diversidade.

³ Este estudo faz parte da Tese intitulada *Entre fios das narrativas, retalhos e costuras coletivas: Experiências pedagógicas de professoras gestoras em contexto de diversidade*. Faz parte do Grupo e Pesquisa *Docência Narrativa e Diversidade na Educação Básica* que é Vinculada à pesquisa matricial do Grupo denominada como: *Formação docente e diversidade em redes latino-americanas: documentação narrativa de experiências pedagógicas na escola básica*.

Diversidade, diferença, igualdade são conceitos utilizados por pesquisadores e pesquisadoras que se debruçam a estudar, pesquisar sobre Educação, Diversidade e Cultura. Destacamos alguns/algumas deles/as (Pierucci, 2013; Bhabha, 1998; Abramowick, Rodrigues e Cruz, 2011; Silva, 2000; Gomes, 2008). Eles/as identificam, descrevem, refletem e denunciam situações em que pessoas com marcas identitárias são sujeitas a discriminação e exclusão, tanto na sociedade como na educação. Indagar, questionar o caráter perverso desse processo de inferiorização, invisibilização das diversidades, a forma de tratamento desigual e inferiorizante aos coletivos sociais considerados diversos no decorrer da história, é urgente.

Conhecer experiências pedagógicas nesse contexto é fundante para pensarmos formas outras de lidar com a diversidade cultural, religiosa, de gênero, regionais, geracional, sexual, raça, ritmos de aprendizagem, imigração, etnia, língua, entre outras. São questões que desencadearam um processo de mobilização e discussão sobre a diversidade, sendo que em vários contextos eles estão interseccionados. São elementos constitutivos do processo de humanização que estão apoiados em elementos de diferenciação dos grupos humanos, e marcadores da cultura que são atravessados o tempo todo por relações complexas, tensas na forma de lidar com a diferença.

O convite feito às professoras gestoras era para discutir, dialogar e apresentar experiências em que cada uma se permitissem narrar, escrever, ler e compor a sua experiência nas miudezas, desafios e intrigas do cotidiano da gestão. E foi nessa expectativa que as professoras gestoras, entre pares, foram conhecendo, narrando, estudando e refletindo as narrativas de experiências como dispositivo de formação e trabalho pedagógico. Esse movimento envolveu um processo de auto/co/conformação.

Baseado em Rios (2023), entendemos que a autoformação é a formação de si, a busca de uma formação que mobiliza saberes que nascem da própria reflexividade da vida-profissão-formação das docentes. A coformação se dá com os pares, com colegas da gestão, e a conformação acontece de forma coletiva. Esse triplo movimento formativo ocorreu durante o desenvolvimento da DNEP e mobilizou saberes da gestão articulados com a docência e a diversidade produzidos nas escolas. Neste processo buscamos a indagação, o questionamento e a reconstrução das experiências como modo de trabalhar a autoria pedagógica do coletivo das professoras gestoras.

As narrativas pedagógicas constituíram-se em dispositivo político, possibilitando a composição de uma rede de saberes e conhecimentos que foi tecida pelas professoras gestoras,

com o *saber-fazer-viver* da escola. Assim, a formação foi pautada na valorização do saber pedagógico das professoras gestoras, reposicionando-as na construção do conhecimento, questionando a vida escolar a partir do cotidiano. Nessa dinâmica, os processos de escrita, leitura, reflexão e interpretação pedagógica das próprias experiências escolares foram situando-se em uma rede de poder e conhecimento escolar a partir de relações horizontais.

Para situar os movimentos formativos desenvolvidos com a Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas com as professoras gestoras, dividimos o artigo em duas seções, em que trataremos, inicialmente, dos princípios e processos da DNEP e, em seguida, as narrativas das professoras gestoras em diálogos colaborativos com a auto/co/conformação docente.

Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas: horizontalidade, alteridade, autoria e inclusão

A Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas compreendeu movimentos de narrar, escrever, comentar e reescrever sempre através de conversa e discussão entre os pares. Esse dispositivo tem um compromisso com alguns princípios epistemo-político da formação em rede: horizontalidade, alteridade, autoria e inclusão que valorizam os/as professores/as como autores e autoras que se autorizam na sua escrita, na produção de conhecimento e sobre aspectos da sua vida/profissão.

A escolha e a nossa concepção de pesquisa teve muito a ver com nossas vivências diárias, no trabalho, na escola, na sala de aula e nos cursos de extensão. Sempre em busca da proximidade com o outro. Foi uma pesquisa coletiva, dedicada ao encontro, a uma escrita com os pares. Temos aprendido também com a rede de coletivos que participamos. Uma *rede com* e pensada na visão de Sampaio (2010), Rios, Nascimento (2021), que entendem as redes e coletivos docentes como instâncias político-pedagógicas de solidariedade, que juntos/as descobrem outras formas e modos de pensar e viver a formação, contribuindo ao ressignificar estes processos a partir de suas próprias experiências construídas de forma compartilhada, entre pares. Sendo o professor e a professora sujeitos de seu processo formativo, produtores de conhecimento e saber pedagógico.

A horizontalidade se deu pelo processo do diálogo, da conversa como *espaçotempo* de produção de conhecimento através da solidariedade. Onde não tem um formador, um/a profissional que sabe mais do que o/a outro/a. Existiu nesse movimento um exercício de

partilha, com possibilidade de criação coletiva, de escutar, ler e escrever narrativas pedagógicas em contexto de diversidade. A formação foi pautada na valorização do saber pedagógico das professoras gestoras, que foi reposicionando cada uma delas na construção do conhecimento, foram questionando a vida escolar a partir do chão da escola, de quem habita o espaço escolar por meio de narrativas. Elas foram escritas, comentadas e reescritas em colaboração na coletividade. Os processos de escrita, leitura, reflexão e interpretação pedagógica das próprias experiências escolares das professoras gestoras foram incentivadas, colocando-as em uma rede de poder e conhecimento escolar, promovendo relações horizontais.

A alteridade permeou todo o processo da pesquisa e no desenvolvimento da DNEP buscamos uma proximidade maior com as colaboradoras - as professoras gestoras. Pensar e refletir com elas suas experiências. “Pesquisar a experiência educativa é também um exercício de alteridade, na alteridade! Requer coerência, responsividade, compromisso! Um compromisso ético, político com existências negadas, com vozes silenciadas, com histórias invisibilizadas” (Guedes e Ribeiro; 2019, p. 17-18). Valorizar e aproveitar a presença do outro, perceber esse outro em suas particularidades, envolvê-lo para sentir-se pertencente, notável e que possa contribuir para as relações de trocas e de aprendizagens. Cada pessoa fala por si, aprendemos a lidar e considerar o outro através de sua alteridade. Existe uma preocupação com o “outro” da pesquisa, quem é esse outro, como esse outro chega e que vai relacionar-se com seus outros. Como nos revela Skliar (2015, p.27):

A olhar sem julgamento, nem condenação prévia, a olhar para a possibilidade de outras existências diferentes da nossa, a fazer uma saudação disponível, a dar as boas vindas, a perguntar, a dar vazão, a permitir, a possibilitar, a deixar fazer, a dar o eu fazer, a sugerir, a conversar, etc.

Suárez (2015) nos fala que a documentação narrativa se apropria do aporte da filosofia política dos estudos pós-fundacionais e dos estudos decoloniais que escutam as minorias, que trazem para o cenário aqueles/as que foram excluídos/as. Nesse sentido, a autora (2022) destaca esse dispositivo como uma busca pelos saberes das experiências produzidas pelo protagonismo da relação docente, sendo que essas narrativas, traduzem um movimento de (re)existências em diálogos, tecidos a partir dos modos de habitar a profissão docente na pluriversidade. E quando as professoras gestoras narram e escrevem suas histórias, mostram que elas produzem saberes e conhecimentos escolares. Esse processo foi fortalecendo a auto/co/conformação. Essas experiências pedagógicas devem ser mostradas, conhecidas, investigadas e interpretadas, em outras palavras, nos diz Suárez (2017):

Então, se pudéssemos registrar, coletar e analisar essas histórias que pudéssemos conhecer boa parte das compreensões pedagógicas dos professores sobre o ensino e escola, seus caminhos de carreira e experiências de trabalho, as palavras e histórias que contam para dar sentido e interpretar seus mundos, suas preocupações, seus desejos e suas realizações. Poderíamos documentar com alguma densidade uma parte importante desses aspectos de suas biografias profissionais que se inserem no universo da vida escolar. Expandindo ainda mais o olhar e o horizonte, se pudéssemos organizar e compilar o conjunto de histórias de todas os professores, se pudéssemos articulá-los em uma história coletiva e organizá-los publicamente, certamente teríamos uma escola e um currículo diferente do que conhecemos, para o qual geralmente escrevemos e lemos (Suárez, 2017, p.195).

O autor nos convida a conhecer as histórias dos professores e professoras, para articular coletivamente e poder investigar, interpretar e ter essas histórias pedagógicas como fonte importante de informações sobre a escola, o ensino, formação, plano de carreira, metodologia, dessa forma, teríamos um currículo mais perto de uma memória pedagógica do mundo escolar. Foi nessa dinâmica que as professoras gestoras trouxeram e contaram suas histórias, expondo muitas questões da gestão escolar que tem desafiado o trabalho pedagógico e autoral. Compartilharam também discussões sobre a diversidade que atravessa a gestão, promovendo uma discussão importante no qual a política da diferença se fez presente.

Nos encontros formativos, as professoras gestoras foram convidadas a contar, narrar, comunicar sobre o que se faz na gestão escolar em relação à diversidade. A proposta era apresentar uma experiência pedagógica, buscando na memória lembranças, aprendizagens para contar e registrar as ações que ficam muitas vezes na própria escola, não dando oportunidade de revelar o que acontece na gestão escolar, tornando pública essas ações. Nesse movimento, discutimos, dialogamos e foram surgindo experiências pedagógicas, que foram sendo refletidas entre pares.

A organização da DNEP com as professoras gestoras se deu de forma online. Os encontros aconteciam quinzenalmente. Foi criada uma sala de aula virtual, com pastas intituladas com todo processo de postagem dos documentos narrativos. Foi feito também um drive para auxiliar nas postagens dos documentos narrativos. Iniciamos a DNEP com um seminário falando sobre o dispositivo de pesquisa-formação-ação e também foi abordado o tema: gestão escolar e diversidade. O desenvolvimento aconteceu em três movimentos: Giros narrativos, Tessituras de rede e Conversatório. Os giros narrativos foram espaços de atividades síncronas que reuníamos todas as professoras gestoras para discussão sobre princípios epistemopolíticos e metodológicos da formação. Foram momentos de produção de diálogos coletivos. Nesse espaço foram apresentados e discutidos temas que estruturam a proposta. Discutimos sobre experiência; documentar pedagogicamente uma experiência; tematização, a constituição da autoria docente; a formulação de uma política de conhecimento.(...) As Tessituras foram espaços privilegiados para o trabalho de tecer os textos no entrelaçamento das leituras e indagações coletivas sobre as narrativas produzidas. Uma escrita que exigiu tempo, disposição para se dedicar à escrita e reflexão de suas histórias. (...) O conversatório é um espaço onde os documentos

pedagógicos produzidos, já publicizados no espaço virtual do grupo de pesquisa, foram apresentados pelas professoras gestoras à comunidade. Foi um momento de festa, autoria, alegria e divulgação das experiências pedagógicas. As professoras gestoras através de seus relatos pedagógicos ganham escutas, reflexões de tantas outras pessoas da comunidade escolar, universitária, pesquisadores/as, trabalhadores/as da educação e estudantes (Nascimento, 2023, pp. 62-64).

Percebemos que as narrativas das professoras gestoras traduziam uma relação de (re)existência que o tempo todo estava presente nas conversas coletivas e foram revelando nos modos de ser e estar na gestão escolar, habitando esse *espaçotempo* como lugar de saberes, e vai constituindo as existências na vida-formação. Demarcaram uma base fundamental dos processos formativos. A narrativa se constitui em dispositivo que possibilitou a composição de uma rede de saberes e conhecimentos que foram sendo tecidos pelas professoras gestoras em uma rede comprometida com o *saberfazer* da escola. Suárez (2017) nos convida a conhecer as histórias dos professores e professoras, para articular coletivamente e poder investigar, interpretar e ter essas histórias pedagógicas como fonte importante de informações sobre a escola, o ensino, formação, plano de carreira, metodologia, dessa forma, teríamos um currículo mais perto de uma memória pedagógica do mundo escolar.

As histórias narradas irão circular, para serem lidas, refletidas, interpretadas nos coletivos, nas redes, escolas, secretarias de educação, universidades. Elas tornam-se públicas e passam a ser obras pedagógicas que ficam à disposição para contribuir e ampliar o diálogo sobre educação. Depois de todo o processo de escrita, reescrita dos relatos de experiências, eles passam pela edição pedagógica que são as próprias professoras gestoras junto com a coordenação da DNEP, que fazem esse movimento de validação e, para “finalizar” esse processo, há uma publicação de um livro⁴, contendo os relatos de experiência. É nesse movimento que as professoras gestoras passam a se sentir como autoras de suas experiências e saberes que produzem no ambiente escolar.

A escrita e (re)escrita das experiências pedagógicas no processo da DNEP

Iniciamos provocando as professoras gestoras a escreverem cartas, através das consignas: Como chegaram até aqui... na gestão escolar? Quais as minhas experiências pedagógicas na gestão escolar em contexto de diversidade? A carta foi a primeira escrita das

⁴ O livro foi publicado, ver: <https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/o-que-narram-professoras-gestoras-das-escolas-da-educacao-basica-experiencias-pedagogicas-em-contexto-de-diversidade-colecao-documentacao-narrativa-de-experiencias-pedagogicas-vol-8/>

colaboradoras. Foi um momento muito especial podermos escrever na coletividade junto, mas ao mesmo tempo com muitas dificuldades com o tempo de escrita, que se juntavam com as demandas da gestão escolar. Foram três tessituras dedicadas à escrita, escuta, leitura, comentários e reescrita das cartas. E umas das riquezas desse momento foi o respeito pela escrita do outro. O cuidado com os comentários, a forma de sugerir, retirar, acrescentar algo da carta. A confiança já estava existindo no nosso coletivo e isso facilitava muito o processo.

As cartas, além de comunicar algo, tiveram uma intencionalidade e a amorosidade. As cartas foram lidas e comentadas no coletivo e trouxe uma profunda forma de diálogo reflexiva, apresentam histórias de *vidaformação* e como elas chegaram na gestão escolar, e quais experiências pedagógicas desenvolvem em contexto de diversidade.

Entre tessituras e giros narrativos, elas passaram da carta para o relato de experiência e foram se percebendo como autora de suas experiências, ao mesmo tempo que escrevia, refletia sobre a escrita em um processo formativo que passou pela evocação da memória, ouvir outras vezes, outros registros, outras reflexões. Elas reuniram representações do passado, presente e antecipações do futuro. Foi uma dinâmica que elas foram elaborando a experiência, extraindo lições do passado ou do presente para ações futuras, tendo a possibilidade de olhar para elas e compreender alguns caminhos para aprender tendo a possibilidade de ressignificar o vivido, além de permitir que as professoras gestoras pudessem ter compreensão ampliada de suas experiências pedagógicas.

Nesse contexto, cada professora gestora voltou à sua escrita para perceber os indícios de experiências e escolher qual experiência em contexto de diversidade vai escolher para registrar. As experiências foram aparecendo em um processo dialógico, através dos comentários entre pares. Nessa dinâmica, os relatos passaram a ganhar um enredo, e no percurso eles foram sendo ampliados, porque foram fortalecidos pela escuta e contribuições das colegas nas nossas conversas. Nesse processo, as professoras gestoras foram se autorizando, formando-se e compreendendo sobre a importância de trazer o registro como um documento reflexivo e formativo. Uma escrita que traz a sua *vidaformação* em um movimento de “desnudar-se pedagogicamente diante do outro, no intuito de que sua experiência seja potencializada a partir dos comentários de seus pares e, desta maneira, o(a) professor(a) narrador(a) é provocado a refletir” (Oliveira e Suárez, 2023, p.103).

As professoras gestoras falaram da importância da escrita de suas experiências, que escrever não é nada fácil em meio a tantas atribuições da gestão, acostumadas com outro tipo

de escrita como relatórios, pareceres, uma escrita mais técnica, ter que se deslocar desse universo para uma escrita de si, foi bastante complicado. Diversas vezes elas falaram dessa situação, mas com nossas conversas nas tessituras e giros, foram tentando, escrevendo do seu jeito, no seu tempo, teve muita resistência, esforço e dedicação, e por entender que valia a pena enfrentar muitas coisas para mostrar experiências instituintes vindas da gestão escolar.

A horizontalidade nesse processo foi fundamental para que elas pudessem dizer de suas dificuldades e possibilidades e perceber que estamos com elas no mesmo nível de conversa, na mesma posição de docentes, sem um saber mais do que o outro. Isso facilitou a escrita e a permanência das professoras gestoras na DNEP, e aos poucos a escrita foi surgindo, ganhando forma, enredo e intriga narrativa. A escrita e a (re)escrita dos relatos foi uma construção complexa, que foi atravessada por várias histórias, sentimentos, vozes e precisou de tempo para se realizar. E nesse processo a escrita foi fluindo, sem julgamento, com olhar, a escuta da outra pessoa como forma de contribuir. Era o olhar de outra pessoa sobre sua escrita, sua história. Quando perceberam isso na leitura dos relatos das colegas, a escrita começou a fluir e se autorizaram a escrever.

Treze relatos passaram pela edição pedagógica que foi realizada pelas participantes do coletivo. Os relatos de experiências foram validados por elas e passaram a ser um instrumento pedagógico para contribuir com a formação docente, para reflexões na gestão escolar e para elas próprias, que vão fortalecendo a docência e a gestão escolar, trazendo protagonismo dessa relação coletiva. Os relatos de experiências, o envolvimento dessas professoras gestoras provocou a autoria docente e ocuparam um lugar privilegiado na formação. Penso que, a partir dessa experiência que elas viveram com a DNEP, houve uma contribuição, um despertar para que as professoras gestoras pensassem em uma libertação, porque se tornaram conscientes, autoras e críticas. Compreenderam que são construtoras de conhecimentos.

A tematização, a edição pedagógica, foram momentos de intensas trocas, de ajustes, leituras, questionamentos sobre a escrita, e que vão fazendo um movimento de formação com a escrita, com as narrativas e as experiências. Na tematização, as professoras gestoras buscaram encontrar o sentido pedagógico do seu relato num movimento de indagar-se criticamente, recuperar palavras, sentidos que possam mostrar e explicar o alcance pedagógico e político educacional das práticas educativas e das compreensões feitas por elas. Foi discutido também como a experiência escolhida é tratada, como colabora para a formação. Discutimos sobre a naturalização das desigualdades que é atravessada pelo não reconhecimento dos marcadores

sociais da diferença, e acaba se manifestando em ações que exclui, discrimina, separa criando uma prática de exclusão no espaço educacional. As professoras gestoras refletiram sobre essas diferenças que são silenciadas, negadas e trazem como questão importante que precisam ser percebidas não como um problema, mas como uma possibilidade de poder construir relações mais igualitárias. Dessa forma, as experiências pedagógicas foram tematizadas, trazendo as professoras gestoras para esse processo de leitura, reflexão pedagógica e política, buscando problematizar as questões trazidas por elas, buscando tematizar cada experiência. Foi nessa tematização que as professoras gestoras foram compreendendo mais ainda sobre a importância da escrita do relato de experiência que vai tomando forma e potencial pedagógico. Existiu um fortalecimento do trabalho entre pares, a compreensão da dimensão pedagógica e política do que se produz como saber pedagógico.

A edição pedagógica foi processo de co-construção, de junção de várias vozes, e foram vozes das professoras gestoras, seus pares, com quem foi se abrindo o fenômeno interpretativo em uma compreensível edição pedagógica. As professoras gestoras de autoras também passaram a serem editoras, puderam mais uma vez olhar para o seu relato e para o relato das colegas e contribuir para a edição de cada um. Foi um momento que entrelaçou o coletivo de professoras gestoras em comunidade de cuidado mútuo com os relatos narrativos. Dessa forma, todas as professoras gestoras foram editoras que entraram na discussão narrada, sem julgamento, mas com questionamentos, reflexões. Esse ato, além de pedagógico, é político e formativo. Foi realizada uma interpretação das mudanças e transformações das narrativas, das histórias escritas, que passaram por vários olhares ao longo dos encontros e das diferentes versões da (re)escrita da experiência, em que o coletivo se dedicou a leituras e (re)leituras interpretativas. Os textos voltam para as autoras para validação e encaminhamento para a leitura coletiva e publicização e, posteriormente, a publicação. Porém, para avançar na produção de conhecimento sobre a edição pedagógica, nos baseamos na interpretação das transformações das histórias ao longo de suas diferentes versões. Ao mesmo tempo, nos dedicamos à leitura dos relatos interpretativos que foram gerados a partir das leituras e releituras.

Nesse processo formativo existiu um reposicionamento entre coordenadoras da DNEP, pesquisador, e as professoras gestoras, que ocorreu durante a formação e mais forte ainda na edição pedagógica, quando elas se autorizam a contribuir para a edição pedagógica.

Existe uma grande sabedoria nisso, e ao mesmo tempo cuidado. Eu, professora gestora narradora, me colocar à disposição para editar um texto é muito interessante. Vocês

me colocam em um lugar privilegiado. Quem edita é quem sabe, quem edita são editores. Eu estou nesse lugar de editora, será que tenho condições para isso? Mas vou me desafiar, acompanhei todo o processo de leitura, escrita, (re)escrita de minhas colegas. Estou apta e vou encarar essa edição na certeza que vou fazer o melhor possível para que esses textos possam ser publicados (Relato narrativo da professora gestora Rosimeire Gonzalez, 2023).

Esse relato da professora gestora vem confirmar que esse processo de formação que elas viveram, foram momentos que puderam se sentir parte do processo, perceber que poderiam falar, opinar, compartilhar saberes e ocupar um lugar também de destaque, de se autorizar a contribuir para a edição de um texto. Uma dinâmica de circularidade, o/a formador/a forma-se na coletividade.

As professoras gestoras narraram e escreveram experiências sobre a pandemia, desigualdade social, violência, relações étnico raciais, o trabalho com as rodas de conversas, docentes readaptados/as na educação, o trabalho com a Lei 10.649/03, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", a escuta das mães que têm filhos com deficiência, sobre a sala do Atendimento Especializado Educacional. Foram chegando nos nossos encontros muitas questões dos marcadores da diversidade na escola. Percebemos que estávamos todos envolvidos/as na discussão e vendo o currículo real acontecer, em nossa frente, nas palavras e ações de cada gestora, nas experiências pedagógicas apresentadas.

Relatos de experiências: gritos, (re)existência e esperança

Nas tessituras e giros narrativos no qual todos nós estávamos envolvidos/as, narrando e escrevendo nossas narrativas de experiências pedagógicas em contexto de diversidade, aprendendo com a nossa história e com a do outro, compartilhando saberes e fazeres da gestão escolar fomos nos formando em um movimento de horizontalidade, dessa forma, fomos experimentando e vivendo a auto/co/conformação.

A escolha da experiência para contar e registrar não foi nada fácil, exigiu das narradoras um esforço grande para fazer escolhas. Muitas dúvidas surgiram para essa seleção durante o processo, traziam no relato escritas de mais de duas experiências, e selecionar apenas uma, isso trouxe um certo desconforto para fazer a escolha. Essa escolha teria que pensar no potencial pedagógico, o que tocou, moveu, e de alguma forma ela teria que escolher nesse momento apenas uma. A experiência supõe um movimento de exteriorização, da saída de si mesmo. “[...]”

porque a experiência supõe que o acontecimento afeta a mim, que produz efeitos em mim, no que eu sou, no que eu penso, no que eu sinto, no que eu sei, no que eu quero, etc” (Larrosa 2011, p. 7).

Muitas dúvidas foram surgindo e elas foram buscando estratégias próprias para escolher o que narrar. Trouxeram narrativas da escola, que foram mobilizando saberes, ações, parcerias e reflexões do vivido.

As experiências pedagógicas chegaram repletas de aprendizagem e se caracterizaram como uma produção de saberes que foram constituídos pela itinerância que são frutos de aprendizagens pessoais, dos grupos que participam de leituras e encontros. As aprendizagens profissionais são aquelas aprendidas muitas vezes no cotidiano da gestão escolar, vivendo, estando lá, em um movimento que agrega os diferentes agentes da escola (Nascimento, 2023, p. 100).

As experiências narradas e escritas trouxeram denúncias e anúncios, voltadas para as diferenças, e vem desconstruindo um modelo de educação eurocêntrica, que segue um currículo fechado e único e passa para um movimento de reflexão, de acolhimento, promovendo uma educação libertadora que respeita e trabalha com a diversidade que está na escola. As narrativas deixam entendido que as diferenças são espaços de saberes e práticas que não devem ser negados e sim negociados, respeitados e entendidos.

Invocar essa reflexão nos remete às discussões provocadas por Moraes (2023), quando diz que:

...as narrativas produzidas nesse texto e pensadas nele não são apenas da *pesquisaformação*, mas da vida, de experiência e de tantos outros acontecimentos que provocam e motivam o narrador para poder narrar com o que se afeta e implica, transforma e movimenta, aprende e emancipa, conhece e emociona etc (Moraes, 2023, p. 30).

Foi nesse movimento de implicação, transformação, que as narradoras trouxeram seus relatos de experiências que foram validados no coletivo de professoras gestoras na edição pedagógica durante o desenvolvimento da DNEP. Organizamos os relatos de acordo com os núcleos de sentido: 1) Deficiência, diversidade e diferença; 2) Educação e ações pedagógicas em perspectiva Étnico-racial; 3) Gestão escolar democrática e a construção coletiva de projetos pedagógicos; 4) Diversidade e experiências pedagógicas em alfabetização; 5) Ação educativa e situação de violência e desigualdade social.

Esses relatos de experiências pedagógicas contêm muitos Gritos (Walsh, 2005), (re)existência e esperança. Elas gritam quando a Secretaria de Educação vem tratando a gestão escolar como executores de programas, tornando-as tarefeiras, reação sobre todo o processo da

pandemia e como elas foram tratadas. Elas gritam nas narrativas pela falta de cuidados com as escolas. Elas reagem às formas de exclusão. Os gritos de (re)existência estão explícitos quando elas conseguem ir além de um currículo estabelecido, quando as professoras gestoras praticam a desobediência pedagógica, quando elas desafiam o currículo pronto, fazem rodas para conversar, quando enfrentam uma Secretaria de Educação que insiste em fechar escolas da EJA. (Re)existência para defender uma escola democrática, participativa e inclusiva. Junta-se a esses gritos, os gritos de esperança.

Os gritos de esperança estão nas narrativas quando falam do reconhecimento do trabalho da gestão escolar, esperança de valorização profissional. Os gritos de esperança foram aqueles que as professoras gestoras entendem como importantes para se manterem firmes e confiantes na profissão. Elas esperam todos os dias. Esperança em poder ter uma escola que possa acolher de verdade os/as estudantes com deficiência, esperança de que a violência externa não atinja a escola. Gritos de esperança de que as experiências pedagógicas da escola sejam reconhecidas e tidas como saberes escolares, elas gritam para que a escola não seja tomada por programas, avaliações, formulários, planilhas. Gritos de esperança para que os programas de formação tomem como ponto de partida as experiências pedagógicas da escola.

Esses gritos muitas vezes chegam nas reuniões com a gerência regional, com a SMED. São gritos que provocam e promovem discussões. Nesse sentido, é fundamental que continuemos a usar nossa narrativa como forma de (re)existência, de reação e esperança. Elas foram convidadas a seguir narrando, escrevendo suas experiências pedagógicas, tendo sempre liberdade de gritar para reagir, para (re)existir e esperar. Aprendemos também com esses gritos que chamam atenção, eles nos ensinam e produzem um movimento de incômodo.

Com os relatos vamos aprendendo muito na/com a escola, com o que ela produz, com seus gritos, fazeres e saberes, aprendemos com sua constituição na diferença, com as experiências pedagógicas apresentadas pelas professoras gestoras que tiveram oportunidade de narrar.

A escola é um espaço da diversidade que produz muitas histórias, aprendizagens, desafios, e ficar atentos/as para isso é importante para exercer nossa responsabilidade pedagógica, que é colocarmos em diálogo com o diferente, colocando à disposição para o outro, ensinando e aprendendo nessa relação. Esse movimento que a escola produz chama atenção para a importância das narrativas construídas nesse espaço. Experiências narradas que têm a diversidade atravessada pela gestão escolar como insurgentes, instituintes, que vem

promovendo a inclusão da diferença.

A discussão e reflexão da gestão escolar no campo da diversidade nos levou à necessidade de compreendê-la sob a ótica das diferenças e das desigualdades. Dessa forma, nos implicou a repensar e compreender a pluralidade de sujeitos que formam o espaço escolar e trazer os marcadores da diversidade para nossas tessituras que promoveu discussão, análises tematizações, compreendendo essas questões da diversidade, que é importante para percebermos que trabalhar nessa perspectiva é pensar em uma pedagogia que não possa ocultar as barbáries e os gritos, como nos ensina Skliar (2003). É nessa direção que as experiências pedagógicas narradas pelas professoras gestoras foram produzidas, favorecendo o diálogo, com as diferenças..

Para além de conclusões, aprendizagens...

O processo formativo que vivenciamos nos colocou em um lugar de protagonistas, não tinha ninguém que sabia mais do que o outro, tinha pessoas com saberes diferentes, e fomos juntos compartilhando conhecimentos, experiências, em um movimento de solidariedade. Estivemos inteiros/as e disponíveis para aprender, narrar, escutar, escrever, (re)escrever. As narrativas compartilhadas demarcam os *saberesfazer*es instituintes construídos por ações coletivas e comunitárias.

A Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas nos levou a fazer registros de experiências que não são documentadas; nos possibilitou viver uma relação horizontal e coletiva na construção do conhecimento, e validou e legitimou o saber construído na escola, dando oportunidade de uma conversa, escuta ativa e sensível, respeitando e colaborando com a escrita das colegas do coletivo de professoras gestoras. Fomos construindo uma formação sólida, realizada coletivamente, nos fortalecendo no movimento da auto/co/conformação que promoveu processos reflexivos entre pares em torno da experiência, do que elas viveram e ressignificaram, além da consciência profissional que dele decorrem. Uma outra forma de pensar a formação.

Acreditamos que as narrativas das experiências tecidas na/pela coletividade reposicionou as professoras gestoras, uma vez que elas encontraram um espaço-tempo para escrever, contar, ler, comentar, falar, escutar sobre a escola. Um encontro solidário e de aprendizagem que a *pesquisaformação* pode possibilitar. A circularidade de saberes proposta na pesquisa trouxe possibilidades de interlocução, conexões e de costuras, entre a escola e

instâncias formativas, sendo a professora gestora da Educação Básica um elo entre escola, experiência e formação. Elas compõem um processo de tessitura de saberes que foram entendidos, tematizados como instituintes, formativos e insurgentes.

O que trouxe as professoras gestoras para nossos encontros foi o interesse em narrar, em contar suas histórias vida/formação, as experiências pedagógicas. Sentiram-se mobilizadas pela carta convite e pela apresentação de uma forma outra de pensar a formação e o desejo de tornar público o que era privado. Dessa forma, fomos criando o *ethos* da confiança das professoras gestoras nesse movimento.

Construímos em solidariedade, na coletividade, uma formação que nos possibilitou muitas aprendizagens e (re)pensarmos nosso papel diante de nossos/as colegas docentes da Educação Básica, promovendo outras formas de pensar a formação - como espaço de autoria, de coletividade, trocas de saberes, cultura e validação de experiências pedagógicas. E foi assim que a DNEP nos favoreceu pensar na auto/co/conformação, pautando na valorização do saber pedagógico das professoras gestoras, reposicionando-as na construção do conhecimento, por meio de narrativas que foram escritas, comentadas e reescritas em colaboração.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, A.; RODRIGUES, T.C.; CRUZ, A.C.J. A diferença e a diversidade na educação. *Contemporânea*. São Carlos, n. 2, p. 85-97, ago.-dez. 2011.
- BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 441p, 1998.
- BRAGANÇA, I. F. de S. *Memórias e Práticas Instituintes na Escola*. A página da educação. Portugal, 2006.
- BRAGANÇA, I. F. de S. PEREZ, Juliana Godói de Miranda. Formação Continuada em Escolas de Tempo Integral: narrativas de professoras. *Educação & Realidade*, vol. 41, núm. 4, 2016.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- GOMES, N. L. *Indagações sobre currículo: diversidade e currículo* / Nilma Lino Gomes; organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.
- GUEDES, A. O RIBEIRO, T. *Revelar-se ou ocultar-se? Apontamentos para pensar uma pesquisa educativa*. Pesquisa, Alteridade e Experiência: metodologia minúscula. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.
- LARROSA, J. B. *Experiência e alteridade em educação*. Reflexão & Ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, 2011.
- MORAES, J. de S. Poéticas de existência em narrativas outras de vida, experiência e

pesquisa formação. In: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; MOTTA, Thais da Costa; NETO, Itamar Zuqueto Serra (orgs). *Caminhos de pesquisa formação: abordagens narrativas e (auto)biográficas*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

NASCIMENTO, Leandro Gileno Militão. *Entre fios das narrativas, retalhos e costuras coletivas: Experiências pedagógicas de professoras gestoras em contexto de diversidade*. 2023. 214f. Doutorado em Educação e Contemporaneidade. Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade. PPGEduC. Universidade do Estado da Bahia – UNEB. 2023.

OLIVEIRA, A. Dias; SUÁREZ, Daniel. *Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas como escrita de si: dimensões formativas, teóricas e epistemopolíticas*. Form. Doc. Belo Horizonte, v. 15, n. 33, p. 101-113, maio/ago. 2023.

PIERUCCI, A. F. *Cilada da diferença*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP/Editora 34, 2013.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco; NASCIMENTO, Leandro Gileno Militão. *Coletivo de docentes narradores(as): o tecer das redes de investigação-formação na escola*. Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp., Salvador, v. 31, n. 66, p. 88-102, abr./jun. 2022.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. *Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas na co(n)formação docente em rede*. Revista Argentina de Investigación Narrativa. Vol. 3, nº 6, 2023.

SAMPAIO, C. S. *Redes coletivas de (auto)formação docente: narrativas, experiências e a (re)construção de saberes e fazeres alfabetizadores*. In: D. Z. Moraes y R. S. Lugli (orgs.). *Docência, pesquisa e aprendizagem: (auto) biográficas como espaços de formação/investigação*. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2010.

SUÁREZ, D. H. *Docentes, narrativa e investigación educativa: La documentación narrativa de las practicas docentes y la indagación pedagógica del mundo y las experiencias escolares*. In: SVERDLICK, I. et al. *La investigación educativa: Una herramienta de conocimiento y de acción*. Buenos Aires: Noveduc, 2007.

SKLIAR, C. *Pedagogia (improvável) da diferença. E se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SKLIAR, Carlos. Incluir as diferenças? Sobre um problema mal formulado e uma realidade insuportável. *Revista Internacional Artes de Educar*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 13- 28, fev./maio, 2015.

WALSH, Catherine. *Introducción - (Re) pensamiento crítico y (de) colonialidad*. In: WALSH, C. *Pensamiento crítico y matriz (de)colonial. Reflexiones latinoamericanas*. Quito: Ediciones Abya-yala, 2005. p. 13-35.

Recebido em: 02 out. 2024.

Aprovado em: 27 nov. 2024.

Revisor(a) de língua portuguesa: os autores

Revisor(a) de língua inglesa: os autores